A NOVA ATLÂNTIDA

Carlos Studart Filho

Las adquisiciones hechas por la ciencia hay que repetirlas una y otra vez al oído de todos, pues si los investigadores ya han formado su juicio, no así la mayoria de las gentes a muchas de las cuales no ha llegado aún la última palabra.

R. C.

Temas existem que parecem gozar dos foros da imortalidade. Correm os dias, os padrões éticos e estéticos se transformam, mudam os costumes, aperfeiçoam-se as técnicas, inusitadas formas político-sociais repontam e êles a tudo sobrenadam. Caídos em desfavor, relegados, por vêzes, ao abandono, por largas centúrias esquecidos, acabam sempre reviçando e, não raro, ressurgindo sob a ilusória aparência de assuntos nunca dantes vistos nem tratados.

Expressão vigorosa e vibrante dêsse estranho fenômeno literário temo-la, indubitàvelmente, no Mito da Atlântida, tema que, embora alguns pretendam versado por escritores da alta antiguidade helênica, teve em Platão o seu criador. (*)

Para compô-lo, ou seja, para lhe dar forma, vigor e conteúdo, foi o brilhante seguidor das idéias de Sócrates e seu discípulo predileto buscar subsídios e dados em passado brumoso e longínquo.

(*) Homero e Hesíodo falaram dos atlantas, mas nenhum alude explìcitamente a uma Atlântida qualquer. Note-se, ainda, que Crantor, acadêmico célebre e primeiro comentador de Platão, diz ser verdadeira a história da Atlântida, pôsto que nenhum autor anterior ao mestre ateniense se tenha a ela referido. (W).

Recolheu — consoante levam a crer modernas indagações sôbre a matéria — fiapos de lendas que flutuavam indecisas na memória dos felás do baixo Egito; coligiu velhas tradições e mal definidas crenças que constituíam o patrimônio cultural de vários outros povos lindeiros do Mediterrâneo e, valendo-se de todo êsse material heterogêneo, teceu o enrêdo da maravilhosa história cujo entrecho parceladamente divulgou em alguns de seus escritos mais célebres.

Criada a história, êle julgou, sem dúvida, necessário autenticá-la e, nesse propósito, no propósito de lhe emprestar maior cunho de verossimilhança, deliberou o sábio atribuí-la a austero e avisado sacerdote que teria vivido em Saís, a famosa capital do delta nilótico, metrópole multicentenária cujo exício marcou o ocaso definitivo do baixo império faraônico.

Teria sido êle, o padre saíta, quem a divulgara, transmitindo-a a Solon, o mais conspícuo dos sete sábios da Grécia, quando êste, peregrinando por terras egípcias, visitara aquela grande cidade fundada por Nerthes ou Neith, a Palas Atenéia dos gregos.

E Solon, de regresso à pátria, trouxera na memória a narrativa de que, mais tarde, viria a ter ciência o fundador da Academia.

Afeiçoado ao colóquio, usando-o, de ordinário, para transmitir ensinamentos e idéias, dêle se serviu, naturalmente, Platão, para comunicar aos seus discípulos a bela, trágica e comovente história, pressupostamente ouvida.

Ela aparece, assim, em Crítias ou a Atlântida, de que se perdeu uma parte, e no Timeu ou da Natureza; em ambos, o autor põe em presença os mesmos interlocutores: Timeu, Hermócrates, Crítias e Sócrates.

A história, relatada pela última das personagens citadas, a quem cabe, de ordinário, o uso da palavra nas sábias assembléias imaginadas pelo filósofo grego, é minuciosa, brilhante e colorida. Mereceria, portanto, ser aqui mais uma vez divulgada, para conhecimento daqueles amantes das belas criações do espírito que ainda a ignorem.

O objetivo do presente trabalho é, porém, mais singelo: consiste, apenas, em recordar que o tema tentador, sugerido por Platão, "raro deixou sossegar, através dos séculos, a mente humana".

Não podemos, pois, reproduzi-las em todos os aspectos.

Aquêles que da curiosa narrativa se queiram inteirar por miúdo e não tenham possibilidade de acesso às suas fontes originais, poderão recorrer à monografia do abade Moreux, intitulada *L'Atlantide a-t-elle existé?* ou ao livro *Aquém da Atlântida*, de Gustavo Barroso. (*)

(*) Acautelem-se, porém, os leitores contra trabalhos do gênero do escrito por Manzi e outros pressupostos letrados de igual tomo. Lê-los é como penetrar num mundo de inverossimilhanças e ilogismos, pois nêles se expõem e defendem, com uma inconsciência que raia pela insanidade, teses incongruentes e se multiplicam afirma-

A consulta ao trabalho de Warden *Antiguidades Mexicanas,* seria, também, do maior interêsse.

Aqui registraremos, simplesmente, que Platão, em seus diálogos, proclama a realidade de uma grande ilha, a Atlântida, maior que a Líbia e a Ásia reunidas, e que se situaria para além das Colunas de Hércules.

Separada do continente por várias ilhotas de minguada importância, era habitada por um povo numeroso, diligente e culto, a quem governavam monarcas poderosos e sábios. Os atlantas, assim se chamavam as gentes da famosa ilha, com o tempo se foram, porém, tornando belicosos e agressivos. Dominados, afinal, pelo espírito de conquista, acabaram invadindo as terras marginais do Mediterrâneo e subjugando os seus moradores.

Apenas os atenienses, combatentes aguerridos e fortes, lograram resistir ao inimigo comum e lhe embargar a marcha para novas e mais decisivas vitórias. Mas, até êstes acabariam, também, sucumbindo, se um cataclismo de proporções inusitadas não houvesse destruído a poderosa Atlântida e provocado, simultâneamente, a formação de uma imensa onda que, alastrando-se por sôbre as praias, submergiu e afogou os exércitos em luta.

M. Rienzi, estudando o tema inexaurível, dêste modo resume a descrição que se contém no Crítias e no Timeu: "A Atlântida era um dos mais belos países do Universo; o ouro cintilava nos templos; as florestas abundavam em madeiras de construção e os descendentes de Netuno aí reinaram de pais a filhos, durante nove mil anos.

"Seus habitantes viviam sòbriamente, virtuosamente, religiosamente; mais tarde, em vez de cultivarem os campos e de se entregarem ao comércio, como haviam feito os seus antepassados, preferiram converter-se em guerreiros e estender seu domínio sôbre os outros povos, subjugar os habitantes das ilhas vizinhas e submeter a África inteira até o Egito e a Europa, até a Tirrênia (Itália).

"Por fim, Júpiter puniu essa nação belicosa e ímpia, mandando um dilúvio que lhe arrasou, definitivamente, o país e, para sempre, a varreu da face da terra."

Divulgada a longa e tormentosa história da Atlântida, desde logo ela encontrou acolhida solícita entre contemporâneos e discípulos do Mestre ateniense. A seguir, propagou-se, no tempo, sendo o tema versado e repetido um número quase infinito de vêzes.

Inicialmente, a difusão se processou através das referências que

---

tivas as mais absurdas. Dois exemplos, apenas, bastarão, por certo, para comprovar o que afirmamos: Assim diz Manzi, à página 32 de seu livro *L'Atlantide*: "... certos idiomas americanos assemelham-se a tal ponto à língua basca que nativos Peles Vermelhas do Canadá poderiam compreender, sem dificuldade, um basco". E, mais adiante, página 77: "Na Atlântida os escravos andavam a pé ou em carros puxados por animais estranhos, leões e leopardos. Os ricos tinham, porém, à sua disposição, máquinas voadoras."

lhe fizeram escritores da era greco-latina, notadamente Estrabão, Plínio, Eliano, Tertuliano, Plutarco (*) e muitos e muitos outros, porque, na verdade, todos ou quase todos os autores antigos de renome, posteriores a Platão — aceitassem êles ou não a realidade da Atlântida — sempre fizeram garbo em mencioná-la.

Mais tarde, serviu de veículo para torná-la conhecida a pena dos sábios e letrados da Idade Média, nenhum dos quais, diz Moreux, parece ter concebido dúvidas a respeito da sua autenticidade. Repetiram-na e vulgarizaram-na, também, os estudiosos das gerações modernas e contemporâneas que, a respeito dela, emitiram os pareceres mais desencontrados e estranhos.

* * *

Um homem, apenas, em tôda a Grande Grécia, ousou negar, de maneira formal, a existência da Atlântida e relegar a sua história ao rol das simples fantasias. (*) Foi Aristóteles, o estagirita ilustre e, sem nenhuma dúvida, o mais insigne discípulo do Mestre. Assim o fêz, ao afirmar, peremptório, ter sido o criador da misteriosa ilha e da requintada civilização a que serviu de palco, o mesmo indivíduo que a destruiu, fazendo-a desaparecer na voragem das águas de um mar tempestuado.

De nada valeu porém, a justa e sensata afirmativa do nobre preceptor de Alexandre. O maravilhoso sempre exerceu irresistível sedução sôbre a mente humana e, por isso, o mito floresceu e, pelo tempo adiante, ora vivaz — inflamando imaginações, acendendo debates, engodando símplices e rendendo letrados e leigos aos seus enleios — ora sepultada no esquecimento, chegou aos nossos dias.

(*) Estrabão (Liv. 2.º, cap. III), Plínio (Liv. 2.º, cap. IX), repetem tudo que diz Platão a respeito da ilha. A mesma tradição é referida por Eliano (Liv. 3.º cap. XVIII) e Tertuliano, no princípio do seu tratado de *Pállio*, alude à Atlântida debaixo do nome de Acon, que diz ser maior do que a Ásia e África (W).

Plutarco a ela se refere na *Vida de Solon*.

(*) Warden assegura que Ampelius, Numenius, Jâmblicus, Syrianos, Proculus, Orígenes e Porfírio, entre outros que trataram do assunto a têm como imaginária ou alegórica. Os três últimos eram discípulos de Platão. Isso contraria formalmente a opinião do abade Moreux, que diz, p. 32 de seu livro *L'Atlantide a-t-elle existé?*: "A part Aristote, qui ne croyait pas véridique le récit de Platon e qui disait, en parlant de l'Atlantide "Celui qui l'a créée, l'a détruite", touis les anciens auteurs ont tenu pour vraie l'existence des Atlantes". Note-se, todavia, que Moreux refere-se aos Atlantas e não à Atlântida, o que parece ser um lapso proposital do autor. Como quer que seja, o certo é que, no tocante à Atlântida, nenhum discípulo contestou a narrativa do Mestre com a firmeza e convicção de Aristóteles.

Ao dar curso à fascinante história que lavrara, Platão jamais teria por certo podido imaginar o caudal de tinta que, pelos séculos em fora, iria rolar sôbre aquelas suas páginas imortais (H. D.)

Com efeito, tôda uma literatura refolhuda e variada promana dela, tem nela a sua origem, é de inspiração sua.

O entusiasmo que sempre suscitou no campo das letras tem sido raramente ultrapassado e muitas obras, surgidas sob o seu influxo, tornaram-se famosas e algumas alcançaram a glória da imortalidade.

Que poeta não sonhou escrever-lhe um dia a misteriosa epopéia? — inquire o abade Moreux em um dos seus escritos.

Na verdade, os eleitos das musas sempre acreditaram na realidade da ilha imaginária e alguns, em seus devaneios viram-na, por certo, perfeitamente vívida, autêntica e real, "presenciaram a sua tremenda agonia e o estertor de seu paroxismo final".

Cabe, porém, a A. Jacinto Verdaguer, o grande poeta catalão, cujo centenário de nascimento foi há pouco celebrado, a primazia de mais bem haver sentido o seu drama multimilenar, de ter sido o seu maior cantor e seu melhor intérprete.

O poema épico "A Atlântida", de sua autoria, trabalho coroado nos jogos florais de 1877 e traduzido em tôdas as línguas da Europa, é como uma torrente borbulhosa da melhor poesia (M).

Magnificente pela concepção, pelas personagens que exibe e pelo arrôjo e vividez das cenas que descreve, nenhuma outra epopéia logrou jamais relembrar, com tanta mestria e beleza, a imorredoura história que Platão relata em seus *Diálogos*. (*)

Nem Francisco Bacon, que cantou na *Nova Atlântida* "o progresso científico e os meios de utilizá-los para maior bem da humanidade"; nem o Marquês de Pimodan, em seu longo poema; nem Nepomuceno Lemercier, que deu a lume a *Atlântida* onde "gênios das ciências substituem os deuses da mitologia helênica"; e nem mesmo Frascator, êsse médico e astrônomo do século XVI, que tão longamente celebrou a divina lenda em versos latinos, "puderam jamais atingir a fantasia criadora, a riqueza vocabular, o trágico da descrições e a majestosa dramaticidade das estrofes do notável vate espanhol".

* * *

Mas, não sòmente poetas e escritores famosos hão cedido ao encantamento da ficção imortal; ao seu fascínio sucumbiram, ainda, políticos e sociólogos, entre os quais se deve destacar Tomás Moro, o grande chanceler de Henrique VIII.

Foram, indubitàvelmente, as coloridas divagações do filósofo ateniense que o levaram a criar a sua *Utopia*, onde resplende, em

(*) Ver a êsse propósito o trabalho de H. Daniel *La Atlantide fue conocida por el hombre*.

primeiro lugar, o devaneio que gira em derredor de um mundo de coisas impossíveis, dadas as características da natureza humana, tão próxima do barro da terra, mas cujos olhares, não obstante isso, tão alto chegam, por vêzes, a elevar-se (H. D.).

* * *

Também os homens de ciência, historiadores e geógrafos não ficaram de todo indiferentes ao problema da existência real da Atlântida.

No passado, como nos dias atuais, muitos aceitaram a autenticidade dos fatos enumerados pelo criador do platonismo e, dêsse modo considerando, entendem ser a descrição do cataclismo que subverteu a Atlântida e para sempre aniquilou os seus habitantes a simples rememoração de acontecimentos verdadeiros, ocorridos, seja no campo da tectônica, seja nos largos domínios da meteorologia.

Para êles, para os que apreciam o assunto sob êsse ponto de vista, o grande enigma a desafiar-lhe a argúcia e competência seria, apenas, o da exata localização geográfica da misteriosa ilha. Não tendo, porém, ao seu dispor dados ou indicações realmente precisas, em que apoiar os seus conceitos, foram êles levados a colocá-la nas mais estranhas e variadas regiões do orbe terráqueo.

Platão fala de uma terra vastíssima, situada para além das Colunas de Hércules. Tanto bastou para que logo alguns estudiosos julgassem perceber, em sua história, a clara alusão ao continente americano.

A tese que considera uma as duas grandes regiões geográficas, que as identifica e confunde, foi, primeiramente, defendida por Abraão Ortelius, sábio belga falecido em 1598 e geógrafo de Filipe II.

No mesmo sentido manifestou-se Paux, *in Recherches philosophiques sur les americains*... Para êle, a América nada mais seria do que a Atlântida submergida, mas, a seguir, novamente descoberta por um largo recuo das águas oceânicas (W).

Hornius, que também apóia o ponto de vista de Ortelius, sustenta, por sua vez, *in De Origin. Gent. Americ.*, liv. 2.º, cap. VI, que o grande dilúvio, do qual os americanos conservaram a tradição, teria sido o mesmo que arruinou a ilha cujas grandezas Platão tanto enalteceu.

Mais numerosos são, porém, aquêles que situam a Atlântida no próprio oceano Atlântico, ora ao norte, ora ao sul da linha Equinocial.

"Por que, interroga Kircher (*Mundus Subterraneus*, liv. 2.º, cap. XII), as Canárias e os Açôres, ilhas do Oceano Atlântico, não seriam os restos da terra conhecida sob o nome de Atlântida? Elas nos oferecem montanhas as mais sólidas nas partes que foram mais elevadas; e os vales intermediários ficaram submergidos quando, por

efeito do terremoto e do dilúvio divino", êste continente sepultou-se nas águas oceânicas (W).

Buffon acreditava, por sua vez, que a Atlântida unia outrora, em passado remoto, a Europa ao Nôvo Continente.

A história da ilha Atlântica referida por Diodoro e Platão, assevera êle, em *Époques de la Nature*, só pode ser aplicada a uma grande terra que se estendia muito ao ocidente da Espanha; esta terra, Atlântida, era bem povoada, governavam-na reis poderosos, que comandavam muitos milhares de combatentes e isso nos indica mui positivamente a vizinhança da América com essas terras atlântidas situadas entre os dois continentes (W).

Adotando a opinião de Buffon, o Barão d'Engel sustenta que a Atlântida era muito vizinha da Europa: que os seus reis dominaram a Líbia e a Espanha, que fizeram guerra aos gregos e até mesmo aos egípcios; que, por conseqüência, era mui pouco distante da Europa e da África e também mui pouco das ilhas e do continente da América, até onde estenderam a sua influência. (*) (W).

M. de Tournefort, em sua viagem ao Levante, firmando-se no testemunho de Diodoro de Sicília e outros autores, supõe "que o Ponto Euxino ou o Mar Negro era, primitivamente, um lago sem comunicação com o mar da Grécia, e que, tendo recebido, no decurso de muitos anos, as águas dos maiores rios da Europa e da Ásia, avolumou-se de tal modo que abriu uma passagem pelo Bósforo, e se lançou com impetuosidade no Mediterrâneo (que não era também noutros tempos mais do que um lago). Tornando-se um grande mar, esta acumulação de águas rompeu com violência o estreito de Hércules e submergiu a desgraçada ilha *Atlântica*, que se achava mais baixa, deixando, como monumento desta ruptura, algumas partes mais elevadas de suas montanhas" (W).

D. José de Vieira e Clavijo, autor da *História das Canárias*, tem que estas ilhas eram, noutros tempos, uma península da África; que, por efeito do dilúvio de Noé, formou-se desta Península a famosa Atlântida de Platão, que fôra depois destruída, exceto os cimos das montanhas mais elevadas, que são as ilhas Canárias; que o nome da Atlântida ou ilha de Platão, e das ilhas Atlânticas (as Fortunadas), assim como de tôda essa parte do mar Oceânico, provinha do Monte Atlante da Mauritânia (W).

O escritor pensa que a parte mais ocidental da África, ou seja, tôda uma terra de mais de 1 500 milhas de comprimento, desapareceu em virtude de violentos terremotos, que deixaram vestígios nas ilhas de Cabo Verde, em Fernando de Noronha, em Ascensão, em S. Mateus e em várias outras.

Mac Culloh, homem de letras americano, em obra assaz interes-

(*) Essai sur cette question: quand et comment l'Amérique a-t-elle été peuplée d'hommes et d'animaux? Liv. I, chap. 37. Amsterdam, 1767.

sante, apóia a opinião da identidade da Atlântida de Platão com as Antilhas e as Hespérides, de que falam Oviedo e outros escritores, e aventa a probabilidade de as pequenas ilhas, situadas entre a América e o Antigo Continente, serem os restos das que existiam em outros tempos (W).

M. Martin (*History of the British Colonies*, vol 2, art. Bermudas, London, 1834) observa que a formação geológica das Índias Ocidentais fornece provas notáveis da existência da Atlântida de Platão e acrescenta serem elas particularmente visíveis nas Bermudas, cujos picos mais elevados não vão além de 200 pés de altitude. As ilhas citadas formam entre si grandes bacias, e, não tendo nem montanhas, nem planícies, nem rios, nem bosques, parecem remanescentes de uma maior que fôra tragada por alguma convulsão da natureza (W).

Parece-me evidente, escreve M. Bory de Saint Vincent, que a ilha de que fala Diodoro de Sicília é a mesma de Platão, mas considerada em época mais próxima de nós; e dessa era uma grande porção da verdadeira Atlântida, que as Canárias representam são os últimos fragmentos (*Essai sur les Isles Fortunées*. Paris, ano XI, 1803) (W).

* * *

Mais extraordinário ainda se nos afigura, diz o abade Moreux, de quem aqui nos iremos valer, a teoria de Baer, teólogo protestante, que, em seu *Ensaio Histórico e Crítico Sôbre a Atlântida dos Antigos*, vindo a lume em 1762, confronta o mito platoniano dos Atlantas com a história dos hebreus, para concluir, afinal, que a Atlântida seria a Palestina, e, assim, o sinistro que a aniquilou corresponderia àquele que destruiu as cidades rebeldes de Sodoma e Gomorra.

Por estranho que pareça, o sábio professor teve imitadores ainda mais ousados e, nesse número, poderíamos incluir Silvano Bailly, que expressou seus pontos de vista no trabalho intitulado *Cartas Sôbre a Atlântida de Platão e Sôbre a História da Ásia* (*), aparecido em 1779. De acôrdo com a fantástica concepção do autor, que era, aliás, astrônomo de nomeada, os Atlantas viveram nas regiões polares; aí estaria a ilha descrita pelo filósofo grego, e dela teria vindo a civilização para os povos europeus; os habitantes atuais do Spitzberg, da Groenlândia e da Nova Zembla seriam criaturas fugidas

(*) Notam-se aqui duas pequenas divergências entre Warden e o abade Moreux que não estamos, infelizmente, em condições de resolver: a primeira, diz respeito ao nome do autor do escrito a que êste chama Silvano Bailly, enquanto aquêle o denomina simplesmente F. Bailly; a segunda, refere-se ao título da obra que Moreaux entende ser *Cartas Sôbre a Atlântida de Platão e Sôbre a História da Ásia*. ao passo que para Warden seria apenas *Cartas Sôbre a Atlântida*. Paris, 1779.

da pátria boreal primitiva, em conseqüência de súbito resfriamento que atingiu aquelas regiões do Velho Continente (A. M.)

Não menos extravagante havia sido a hipótese defendida por Olavo Rudbeck, professor da Universidade de Upsala que, em livro intitulado *Atlântida* (*), sustentava, com a sisudez de um sábio sueco, que a narrativa de Platão se referia a acontecimentos ocorridos na Península escandinava e que a Atlântida seria a Suécia, sua pátria. Além de fazer tal afirmativa, proclamava, ainda, a existência de vestígios comprobatórios do fato nas proximidades da cidade onde professava (W).

Mais recentemente (1824), Frederico Klee publicava, a respeito do *Dilúvio*, uma curiosa obra onde pretendia que "a Atlântida dos antigos era a Europa atual e que os seus habitantes, perecidos no Dilúvio, seriam os famosos Atlantas ou os Titãs", de que fala a mitologiga helênica.

A ciência moderna, de modo geral, recusa a aceitar a veracidade da história narrada por Platão, por lhe descobrir, no contexto, não poucas incongruências.

Repele-a não apenas no que tange aos esplendores e requintes que ela empresta à cultura de que se beneficiavam os Atlantas, mas, ainda, no respeitante à existência da enigmática terra em que teriam vivido êsses pró-homens da antiguidade.

Em livro, hoje considerado clássico e intitulado *Les Origines de l'homme americain*, assim se manifesta a respeito do assunto o ilustre americanista Paulo Rivet: "Nossos conhecimentos de pré-história já são suficientemente precisos e seguros para podermos afirmar, com absoluta certeza, que a idade de ouro descrita pelo grande pensador grego não passa de um mito poético e encantador."

Em sua *Atlântida*, assevera, por sua vez, o eminente investigador platino J. Imbelloni — mestre a quem cabe o mérito de haver conseguido reunir a mais portentosa bibliografia acêrca dêsse apaixonante tema — "a Atlântida não existiu, tudo não passa de uma deliciosa fantasia de Platão e, depois dêle, muitos têm falado de "tradições" que, na verdade, apenas brotaram de sua mente". (*) .

No mesmo sentido, depõe o fitologista francês Augusto Chevalier, no artigo intitulado "Les iles du Cap Vert" (*Revue de Botanique appliqué*, nov., 1935). Tendo realizado demoradas e cuidadosas explorações científicas em todo o arquipélago do Cabo Verde, acabou

---

(*) Rudbeckius, três volumes *in* 4.º Upsala, 1675, 1675, 1696. Ver t. 2.º, capítulo I. Atlanticam Insulam neque, Platone conjectam, neque American, neque Africam, neque Insulas Canarias, neque, mari demersam sed ipsam esse Sueoniam (*apud* Warden).

(*) Armando Vivant e J. Imbelloni — *Livro das Atlântidas*. B. A. — Humana Biblioteca do Americanista Moderno, seção B. T. III, 1939 (*Apud* H. Daniel).

persuadindo-se de que a Atlântida não poderia ter existido na área marítima onde hoje emerge aquêle arquipélago. Tal convicção êle expressa desta maneira cautelosa: "Ou a Atlântida de Platão é um mito, uma ficção relativa a um estado utópico ou é outra a região do globo onde se deve procurar a sua localização".

Contestaram, ainda, a sua existência o geólogo Dauville, Humboldt, Malte Brun e outros.

Há, todavia, sábios dos mais autênticos que, em nossos dias, a admitem. E isso levou Gustavo Barroso a observar com muito acêrto que "a existência da Atlântida (*Aquém da Atlântida*, p. 5) há milênios desafia a atenção dos sábios. Negam. Duvidam. Afirmam. Tornam a negar, a duvidar ou a afirmar. Amontoam provas pró e contra. E o problema continua de pé, como uma esfinge..."

Alguns homens de cultura, embora repelindo de maneira formal a história narrada por Platão, no que tange às grandezas e esplendores da civilização dos Atlantas, aceitam-na na parte relativa à existência, digamos, geológica, da famosa ilha, onde teria florescido aquela civilização.

No número dos que assim consideram inscreve-se o abade Th. Moreux, sem dúvida, um dos mais abalizados e proficientes vulgarizadores, surgidos neste último século. No livro *L'Atlantide a-t-elle existé?* (Paris, 1924, pp. 91 e 92), assim se expressa o sábio astrônomo e antigo diretor do Observatório de Bourges: "À maneira de tôdas as lendas, a da Atlântida deve ter um fundamento. Um cataclismo tão terrífico não poderia ocorrer sem que a humanidade dêle houvesse guardado reminiscência, e foi — tomando por base essa tradição, transmitida de idade em idade — que Platão, seguindo os padres egípcios, teria provàvelmente urdido a sua história.

O quê em minha opinião se deve reter, não são os costumes dos Atlantas, nem a descrição de suas cidades, monumentos e palácios, nem as instituições que Platão criou, em sua totalidade, para expor princípios filosóficos e idéias relativas a uma república ideal; deve-se conservar, na realidade, apenas o fundo da narrativa que lhe serviu de pretexto para filosofar e nada mais.

Penso que, do ponto de vista científico, nenhuma dúvida seria permissível; sim, a Atlântida existiu, na aurora dos tempos quaternários; ela estava realmente no lugar em que Platão a colocou: situava-se nessa região onde se encontram as duas fraturas atlântica e mediterrânea, ou seja, numa tarde, quando a terra era sacudida por grandes tremores, tudo ruiu sùbitamente e o mar, sob a forma de uma vaga gigantesca, investiu contra a sua vítima, sepultando-a, para sempre, em suas ondas implacáveis.'"

* * *

Observemos, de passagem, que o raciocínio do abade Moreux destinado a provar a realidade da Atlântida não pode ser aceito;

porque a catástrofe que lhe pôs fim, teria ocorrido, segundo a palavra do próprio filósofo ateniense, cêrca de nove mil anos antes da época em que êle relata o fato a seus discípulos.

Ora, a Atlântida dos geólogos — daqueles que admitem a sua existência, na região onde hoje emergem, entre outras, as ilhas formadoras dos arquipélagos dos Açôres e das Canárias — desapareceu na voragem das águas ao declinar do terciário ou, quando muito, em inícios do quaternário. Findou, portanto, a lendária ilha há mais de 600 000 anos.

A memória de um acontecimento assim remoto de nenhum modo poderia ter sido transmitida oralmente, através das incontáveis gerações que, desde os albores do Plistoceno, se sucederam sôbre a terra e chegar ao conhecimento dos povos da porção oriental da bacia do Mediterrâneo.

Atente-se, outrossim, para o fato de que os últimos estudos, empreendidos no propósito de determinar a idade do quaternário — estudos, aliás, realizados com ajuda de modernos métodos de detecção, tais como paleomagnetismo e o potássio-argônio — tendem a fazê-la bem maior do que sempre foi admitido pelos especialistas.

A duração do quaternário, afirma-o S. Blanquat, tem-se alargado muito nesses últimos dez anos e, hoje, a maioria dos geólogos lhe atribuem uma anciania nunca inferior a um milhão de anos.

É perfeitamente possível, dentro de todo o rigor científico, escreve G. de Vandoncourt *in Dict. de la Conversation et de la lecture* (Tomo II, p. 175, Paris, 1870, 2.ª ed.), a existência de uma ilha Atlântica, que submergiu em conseqüência de um tremor de terra. De nenhum modo é, porém, aceitável que êsse acontecimento seja assaz recente para ter tido a possibilidade de chegar ao conhecimento dos padres egípcios.

* * *

A evidente impossibilidade de identificar as duas Atlântidas, a platoniana e a dos geólogos modernos, não destruiu o mito, nem lhe diminuiu a magia que por séculos exercera.

Tanto assim que surgiu, faz pouco, na revista *Sciences et Avenir* (n.º 271, Paris, set., 1969), um artigo de Henrique de Saint Blanquat, sob o título "L'Atlantide en Crète", versando, mais uma vez, o fascinante tema.

Trata-se, na realidade, de uma espécie de resumo crítico do livro do helenista e arqueólogo britânico J. V. Luce, intitulado *The end of atlantis, new light or an old legend* (ed. Thames and Hudson), trabalho que deve ser considerado uma nova tentativa para explicar a gênese e desaparecimento da fugidia e sempre renascente ilha e da civilização que nela floresceu.

Alicerçada em dados geológicos e arqueológicos de inequívoca autenticidade e em acontecimentos de certo modo lendários, mas

de que o autor inglês hàbilmente sabe tirar partido, a hipótese em aprêço é, sem nenhuma dúvida, a mais plausível e simpática de quantas surgiram até a presente data.

Embora não prove a existência de uma Atlântida, tal como a descreveu Platão, dá-nos a conhecer os elementos de que, seguramente, se serviu o filósofo para elaborar a sua famosíssima história.

Do maior interêsse é, portanto, divulgá-la, emprêsa a que nos vamos abalançar, valendo-nos do trabalho de S. Blanquat, que reproduziremos quase na íntegra.

Aliás, a idéia de colocar a Atlântida bem dentro do espaço geográfico, onde decorreram os grandes lances da história grega, não é inédita. Data do início do século e Domingos Jaguaribe, no capítulo sexto do seu livro *A Atlântida e a História do Brasil*, expõe o problema de tal localização, aproximadamente, nos têrmos seguintes:

As escavações a que se procederam nesses últimos tempos em Creta, tornaram necessária uma revisão de tôda a história dos povos mediterrâneos da época anterior à era clássica.

Embora muitas questões não hajam sido, graças a elas, resolvidas de maneira satisfatória, demonstraram exuberantemente que, na vigência da Oitava Dinastia Egípcia, quando Tebas atingira o apogeu de sua glória, Creta se tornara o centro de um grande império cujo comércio e influência se estendiam do Adriático ao Tell e da Sicília à Síria. Todo o tráfico marítimo do mundo mediterrâneo estava a ela vinculado e a lenda de Teseu parece indicar que o povo de Minos subjugava, então, as ilhas e as costas da Ática.

Creta e Egito mantinham relações cordiais e havia, entre ambos, não apenas uma larga permuta de mercancias mas, igualmente, um verdadeiro intercâmbio de idéias e conhecimentos.

A civilização minóica era essencialmente mediterrânea e isso a distinguia nitidamente de qualquer outra, seja da do Egito, seja das que, por essa época, floresciam em todo o Oriente conhecido.

O número de cidades do império de Minos e a extraordinária riqueza de que se beneficiavam os seus moradores excediam muito ao que Creta sòzinha estava em condições de produzir. Tal opulência tem, portanto, de ser atribuída, em parte pelo menos, à hegemonia marítima de que, segundo rezam as lendas antigas, ela era a detentora.

Assim, quando Creta se achou no fastígio de sua grandeza, os seus governantes deveriam ser havidos por criaturas extremamente poderosas e essa fama mais se robustecia em virtude de terem, sob sua sujeição, as terras misteriosas que, no dizer de egípcios e sírios, se situavam no Extremo Ocidente. Não menos importante era o fato de possuírem, graças à navegação que tão bem sabiam exercitar, a supremacia do elemento que mais temor causava aos povos antigos.

Pelo Levante inteiro deviam circular, de bôca em bôca, histórias mirabolantes a respeito de seus palácios e de seus labirintos,

bem como a propósito de suas danças e seus desportos e, principalmente, no tocante às suas corridas de touros, tão pouco comum naqueles tempos. O império minóico era, pois, uma grande potência, unida pelo mesmo mar que o separava das outras nações e, assim, êle daria a todos a impressão de formar um continente isolado, tendo, como se disse, as suas características próprias.

De súbito, rápido e terrível, um desastre, de origem desconhecida, subverteu e aniquilou o poder naval dos cretenses. Confiando na preponderância marítima que haviam conseguido manter por muitos séculos, o povo de Minos negligenciara fortificar as suas cidades, e êsse descaso para com as defesas terrestres teve para êles conseqüências funestas, porque causou a sua ruína. (*)

A capital foi, então, assaltada, rendida e pilhada e tôda a ilha caiu em mãos dos contrários, que a devastaram.

Como natural decorrência de tão infaustos acontecimentos, a civilização minóica entrou em declínio e, mais tarde, desapareceu para sempre.

Um nôvo império surgiu, então. Os fenícios lhe tomaram o lugar, como comerciantes e navegadores, e começaram a exercer sua influência sôbre as costas da Grécia e da Ásia Menor.

Foi como se o império cretense se houvesse afundado no mar, à maneira do que sucedeu à Atlântida. Se compararmos pois a lenda da Atlântida com a história de Creta, e se considerarmos as relações dêste país com a Grécia e Egito, veremos que na Atlântida de Platão se encontra um eco da história do povo de Minos.

* * *

Bem mais substanciosa e congruente com os conhecimentos modernamente adquiridos nos campos da história e da arqueologia cretense é a hipótese formulada pelo inglês J. V. Luce, pois ela leva em conta, além de tais conhecimentos, os últimos estudos sôbre fenômenos de natureza vulcânica, ocorridos na região mediterrânea, onde se situa a ilha de Creta bem assim os trabalhos da Escola Britânica de Atenas, realizados em 1962, sob a direção de Sinclair Hood e J. V. Luce. Vale-se, ainda, dos dados de que os helenistas se beneficiaram, graças à decifração da escrita cretense.

Recordemos que os primeiros documentos importantes redigidos nessa língua misteriosa foram achados por Sir Arthur Evans, em 1900, numa espécie de sala dos arquivos do palácio de Cnossos. Mais tarde descobriram outros, em idênticas condições, no palácio de Mallia.

(*) Está provado — pretende o autor a que nos reportamos — que um súbito desastre pôs fim ao poderio naval do império cretense, quando se achava em fase de notável desenvolvimento.

Mas foi, sòmente, em 1953, que a imprensa mundial anunciou haver sido ela decifrada. Na verdade, apenas a escrita linear B, mais recente, revelara os seus intricados segredos. A escrita linear A, continuou hermética. Ainda assim, o notável feito dos especialistas na difícil arte de interpretar as criptografias antigas, a sua inesperada e benemerente vitória muito iria servir aos arqueólogos e historiadores dos nossos dias para a melhor orientação de seus estudos e pesquisas. (*)

Pelos anos de 1500 a.C., Creta era o palco onde abrolhara e florescia uma das maiores e mais brilhantes civilizações do mundo antigo.

O nível cultural e econômico do seu povo e a fôrça militar de que dispunha garantiam-lhe o direito de integrar o que poderíamos chamar o grupo das "grandes potências" da época. Ombreava, portanto, com o Egito, do Nôvo Império, àquele tempo em fase de ativa expansão terrtorial, com os Hititas ou Heteus e com os Mitânios Nôvo Império, naquele tempo em fase de ativa expansão caso. (**)

(*) Alguns arqueólogos distinguem três períodos na longínqua história da Grécia pré-homérica: 1.º. O período egeu, que vai de 3 000 a 2 000 a.C.; o minóico ou cretense, que se situa entre 2 500 e 1 500 a.C. e, finalmente, o micênio, entre 1 500 e 1 100 a.C.

Outros preferem dividir a civilização egéia em três períodos distintos ,divisão, aliás, bastante arbitrária, mas que teria, segundo Colombier, a vantagem de corresponder, embora grosseiramente, às grandes épocas da história egípcia.

Pode-se admitir que o minóico antigo, que vai de antes de 3 000 a 2 100, ocupa pouco mais ou menos o tempo do Antigo Império e do período de anarquia que se lhe seguiu: o Minóico médio (2 100-1 580) o tempo do Médio Império; e o Minóico recente (depois de 1580), o tempo do Nôvo Império. Dentro de cada um dêstes períodos, fizeram-se ainda três subdivisões designadas por algarismos romanos. A terceira parte do Minóico recente é também chamada micênica.

(**) "Os Mitânios, possìvelmente os primeiros fabricantes de armas de ferro surgidas no final do século XIV a.C., viviam no território ocupado pela atual Armênia, e que os Assírios designavam por Hanigalbat. O período áureo do florescimento de Mitânia decorreu de 1 500 a 1 365 a.C., exatamente ao tempo em que se iniciou a metalurgia do ferro, que permitiu o fabrico de novas e mais rígidas armas, possibilitando-lhe isso, transitòriamente, haver vencido os Hititas, seus inimigos tradicionais que depois foram os principais divulgadores da tecnologia do nôvo metal. A capital de Mitânia era Wassougani, que, até hoje, ainda não foi peremptòriamente localizada. As relações entre Mitânia e o Egito eram normalmente boas, tendo-se realizado casamentos entre as duas famílias reais e assinala-se até o fato de se afirmar que a peça de ferro mais antiga que se conhece é um punhal oferecido por Dushrata, de Mitânia, a Amenhotep III, do Egito (1411-1375 a.C.)". (*Apud* José de Oliveira Boléo — "Difusão da Metalurgia do Ferro no Continente Africano") — *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* (Série 87, 7-9, julho-setembro, 1969 — pp. 215-222).

Havia, porém, uma diferença básica entre a civilização cretense ou minóica e as que medravam em outras regiões do orbe conhecido e que com ela podiam competir. Um elemento de fundamental importância, na história da humanidade — o mar — imprimira-lhe características próprias e, assim, a diversificara profundamente das outras cvilizações.

Era ela, na verdade, a única a gozar dos benefícios de insularidade.

Egípcios, Mitânios, Hititas possuíam impérios continentais, eram, antes de tudo, terrícolas. Os cretenses, ao contrário, sendo ilhéus, dispunham de navios e assim desfrutavam o privilégio de ter colônias espalhadas em várias regiões lindeiras do Mediterrâneo Oriental: Rodes, Tera, Citera, Queos (Kéos) e Mileto... Marujos experientes, dominavam o tráfico em todo aquêle vasto mar, da Grécia ao Egito e da Síria à Sicília.

Seu território era minúsculo, se comparado ao das outras grandes nações soberanas de então, mas imensamente dilatada a área de sua influência econômica, social e política. Por todos êsses motivos a prosperidade de que se beneficiavam os cretenses não cessara de crescer e atingira o fastígio nos primeiros decênios do Século XV a.C.

Tudo isso é a arqueologia que nos patenteia e ensina.

Cabe observar que, depois das escavações realizadas por Evans, nos inícios do presente século, as pesquisas arqueológicas se multiplicaram não apenas em Creta, mas, igualmente, nas ilhas e costas vizinhas. Graças a elas ficou comprovado: 1.º) que, durante todo o XIV século e inícios do seguinte, os palácios de Creta se tornam cada vez mais suntuosos, que o número de suas cidades aumenta consideràvelmente e que por tôda parte cresce a densidade demográfica; 2.º) mostraram ainda que, paralelamente, nas terras ilhoas da Grécia e da Ásia Menor ocorreu intensa multiplicação de colônias e entrepostos minóicos.

De um momento para outro, o panorama muda, porém, por inteiro; tudo surge transformado em ruínas.

Investigações bem conduzidas revelaram a presença de numerosos desmoronamentos em Creta, sobrevindos, ao que tudo indica, pelas alturas de 1570 a.C., o que leva a pensar na possibilidade de haver ali sobrevindo um tremor de terra de grandes proporções. Tal catástrofe se nos apresenta sob aspecto extremamente trágico, pois a destuição é, com efeito, mais ou menos generalizada. Atinge e fere de morte todos os palácios de Creta, exceto o de Cnossos, e aniquila a maior parte das vilas e cidades.

O que aconteceu depois, o que deixam a perceber as camadas arqueológicas imediatamente sobrejacentes, é talvez ainda mais triste. Indicam elas, com efeito, que os palácios derruídos jamais foram refeitos. Os grandes centros urbanos e as aldeias que se localizavam no centro e a leste de Creta parece terem sido de vez abandonadas.

A oeste da ilha, ao contrário, se nos deparam claros indícios de renovamento, percebe-se um como que sinais de reconstrução geral, e vê-se até que agregados humanos de pouca importância cresceram consideràvelmente e que novas aldeias surgiram.

Tudo isso deixa a impressão de que parte dos habitantes abandonara uma região do país para buscar refúgio em outra, onde, com segurança, pudessem recomeçar a vida.

Por essa época, o palácio de Cnossos é refeito e novamente ocupado. Todavia, a decoração muda. Não é mais a expressão da vida fácil e florida das épocas anteriores. O ambiente como que se tornou guerreiro. Os textos das obras descobertas em escavações feitas nas camadas posteriores à destruição a que nos referimos apresentam-se redigidos em escrita "linear B" e não mais em "linear A", como sucedia antes.

Sabe-se que a "linear A" não foi ainda decifrada e que a "linear B" revelou ser a expressão gráfica do grego arcaico. Foram, pois, gregos de origem miceniana que reinaram em Cnossos depois da grande desgraça que tudo subverteu. Aí se descobriu um fuso adornado de grifos — o mesmo motivo ornamental que iria aparecer, mais tarde, em profusão no palácio miceniano de Pilos.

Até o próprio estilo da cerâmica se transforma. Ao "minóico recente I", anterior ao desastre, sucede um "minóico recente II", de feição muito menos livre e com tendências à esquematização. O esfôrço, que visava ao grandioso, o qual não existia até então, manifesta-se de maneira clara. Surge aquilo a que os especialistas denominam estilo palaciano.

Mas as devastações não se limitaram ùnicamente a Creta. Pesquisas americanas, realizadas na ilha de Kéos, situada ao largo da Ática e a 24 km do cabo Súnion, revelaram que a catástrofe atingira, outrossim, uma colônia ali estabelecida. Enorme construção de 22 metros por 17, erguida no local, fôra, então, arrasada. Nas dependências que haviam sido outrora celeiros e adegas, agora transformadas em montões de ruína, os arquólogos encontraram grande quantidade de destroços, principalmente cerâmicas e fragmentos de afrescos caídos dos muros. Acharam, ainda, numerosos objetos de menor importância, tombados, sem dúvida, dos andares superiores no momento em que o edifício se teria desmoronado. A abundância de cerâmica de origem minóica, ou apresentando nítidos sinais da influência minóica, bem como as características dos afrescos, autorizam a pensar ser aquela colônia uma feitoria minóica.

O estilo de tôda a louçaria recolhida e estudada permite, por sua vez, situar a sua destruição na mesma época em que ocorreram as dos palácios e cidades de Creta, ou seja, no extremo fim do "minoico recente I". Depois, começa a dominar a influência miceniana.

Fatos de natureza idêntica sobrevieram em Rodes. No lugar Trianda aparecem, igualmente, restos do que teria sido talvez um entreposto minóico. As casas apresentam-se sèriamente avariadas e

a cerâmica patenteia, com a mesma evidência, a data da catástrofe: últimos dias do "minóico recente I".

A explicação, de ordinário sugerida para todo êsse conjunto de fatos, é a de ter sido o govêrno minóico sùbitamente arrebatado por elementos micênios.

Conhecendo, desde muito, os cretenses, mantendo com êles contatos repetidos ou se tendo, talvez, astuciosamente instalado na própria Creta, aquêles turbulentos gregos teriam podido, a princípio, beneficiar-se da civilização comerciante e pacífica de seus rivais e, a seguir, empolgá-la.

Certos arqueólogos chegam a afirmar que a conquista da autoridade suprema pelos micênios ocorreu sem o emprêgo de grande violência.

As largas devastações que mencionamos não encontrariam, porêm, justificativa aceitável dentro dessa hipótese simplista.

É, ademais, pouco verossímil que os criadores de uma cultura tão florescente e que detinham o contrôle das ligações marítimas, carecessem de navios e de meios capazes para manter a ordem no mar e defender as suas cidades.

De qualquer modo, é oportuno relembrar o trecho onde o historiador grego Tucídides invoca o episódio da limpeza dos mares infestados de piratas, façanha realizada por Minos, rei lendário de Cnossos, o que bem demonstra os recursos bélicos de que podia dispor. Ainda quando a famosa "talassocracia" cretense fôsse, ela também, apenas uma lenda, parece difícil admitir que o seu poder comercial não se apoiasse num poder militar ou, pelo menos, naval.

A instalação dos micênios em Cnossos, como senhores e dominadores, é um acontecimento que não padece dúvidas. Cabe-nos, dêsse modo, e em face do que ficou dito, indagar como tal fato poderia ocorrer, justamente quando aquela metrópole se achava no acme de sua grandeza material e de seu desenvolvimento cultural.

É necessário, portanto, encontrar uma explicação mais adequada para o súbito esborôo do poderio cretense, para o esvanescimento de sua prosperidade, para o abandono de palácios e cidades.

Os micênios, então no dealbar de sua evolução social, estariam em condições de realizar, de maneira tão inopinada, essa revolução? Somos, assim, levados a indagar se êles não teriam recebido do exterior uma ajuda qualquer.

Não os haveria auxiliado alguém ou alguma coisa na realização de tão extraordinária façanha? Algo assim como uma catástrofe natural, um cataclismo, por exemplo? Aqui a pesquisa abandona o terreno da arqueologia. Duas outras disciplinas, a geologia e a oceanografia, são chamadas a dar a sua cooperação e o seu testemunho. A geologia ou, mais precisamente, a vulcanografia, porque é de um vulcão que temos de estudar a atividade, em busca de subsídios para a justa interpretação dos fenômenos sócio-telúricos, que tiveram a

ilha de Creta como palco. O vulcão a que nos estamos a referir é o Tera, único ativo em todo o Mar Egeu.

Hoje, Tera se apresenta como um grupo de cinco ilhas de tamanhos muito desiguais. Três marcam os contornos de uma antiga cratera invadida pelo mar. As duas outras emergem do seu próprio centro; são o produto de erupções mais recentes, a última das quais ocorreu em 1956.

Na parte que olha para o interior da cratera, o litoral da maior das ilhas do pequeno arquipélago e que lhe dá nome patenteia o aspecto de uma falésia quase contínua que, em alguns pontos, chega a alcançar uma altura superior a 250 metros. As observações a que se procederam revelaram ser a fraga em questão, apenas uma espécie de conglomerado de pedras-pomes e cinzas vulcânicas.

Mais tarde, em virtude da ação continuada de agentes erosivos, o terreno sôbre que repousava tôda a massa eruptiva foi pôsto a nu e mostrou, por sua vez, ser formado de um misto de terra escura e abundantes calhaus.

Em 1956 sofreu a região um grande abalo, em conseqüência do qual surgiram, sob o mais baixo dos lençóis de pedras-pomes, na camada, portanto, que correspondia à superfície primitiva da ilha, restos de construções desmoronadas. Ali apareceram, outrossim, dentes e ossos humanos e, também, fragmentos de madeira, de que se colheram amostras para exame. Submetidas ao processo de datação pelo C14, uma delas revelou remontar a 1410 a.C., sendo a margem de êrro de 100 anos apenas.

Em 1967, mais um sensacional achado deveria ocorrer naquela parte da ilha. Os pesquisadores, examinando o solo, depararam-se ali, incluso na base da camada de pedra-pomes, a que já fizemos referência, com o tronco carbonizado de uma pequena árvore. Achava-se ela em posição ereta, o que indicava estar a planta de pé, perfeitamente viva, no momento em que foi recoberta pelos fragmentos vulcânicos. Ora, isso emprestava ao caso um valor todo especial para a ciência e, assim, a sua datação se impunha. Realizada esta, a média dos resultados alcançados indicou o ano de 1559 a.C., como a época provável de seu sepultamento. A margem de êrro foi de 43 a 44 anos, segundo o período C14 utilizado para cálculo. Note-se que o estudo da cerâmica, recolhida no mesmo local — em parte de fabricação caseira, em parte importada — provou que ela procedia do início do "minóico recente I".

Baseado nas descobertas, realizadas em 1967 e 1968, no sítio Akrotiri, no sul da ilha, o arqueólogo grego Marinatos foi, por sua vez, levado a afirmar que a erupção que tais destroços produziu ocorreu no ano de 1500 a.C.

Como se viu, as devastações havidas em Creta e nas colônias minóicas sobrevieram um pouco mais tarde, já no fim do "minóico recente I", ou seja, pelas alturas de 1470 ou 1450 a.C. (*)

Existe, portanto, certo desacôrdo entre as datas em que ocorreram fatos calamitosos em Creta e em Tera. É êle, porém, fàcilmente explicável. Senão vejamos:

O vulcão que recobriu a ilha de Tera, seus campos e suas casas, de uma camada de cinza de vários metros de espessura, fê-lo correr de uma única erupção, pois assim o indica a composição homogênea do material expelido e sôbre ela depositado. A seguir, entra em período de inatividade. Repousa algum tempo e só depois retoma aos poucos a sua antiga atividade. Tanto êsse fato é verdadeiro que, acima da camada de que tratamos, surgem leitos de côres variadas: róseas, brancas e cinzentas, cuja espessura oscila entre 5 e 30 cm. Correspondem, pois, a uma série de erupções de minguada importância.

Derramada por sôbre todos êsses estratos multicores, cobrindo-os e como que os sepultando, patenteia-se nova camada de cinzas brancas, cuja espessura, em certos pontos da ilha, chegava a ultrapassar 60 metros.

Pesquisas oceânicas realizadas no Mediterrâneo, nos anos de 1947 e 1948, pelos expedicionários suecos do "Albatroz" e, em 1956 e 1958, pelos americanos do "Verna", indicaram a presença de duas camadas de cinza, em meio das rochas estratificadas que formam o leito da região oriental daquele mar.

A análise das cinzas do estrato mais recente — o mais antigo, remontando a 23 000 anos a.C., não apresenta, portanto, para nós, nenhum interêsse imediato — revelou terem elas composição idêntica à daquelas existentes em Tera. Ambas proviriam, por conseguinte, da mesma série de erupções.

Camadas de cinzas de tipo análogo foram ainda encontradas a uma distância de 700 km de Tera, espalhadas por sôbre a parte central e a costa oriental de Creta, fato que bem denuncia a violência da erupção que lhes deu origem.

Os americanos Minkovich e Heezen, que estudaram o assunto, afirmam haverem sido as duas regiões da ilha recobertas, então, por um lençol de cinza, cuja espessura seria de 10 centímetros no mínimo, o que bastaria, evidentemente, para impedir, durante vários anos, a exploração dos campos.

Todos os fatos apontados harmonizam-se, pois, perfeitamente, com as conclusões a que chegaram os arqueólogos, no que tange ao deslocamento das populações cretenses e seu afluxo para a porção oeste da ilha. Ali, nenhuma chuva de material vulcânico havia caído

(*) O "minóico recente I" foi, com efeito, dividido em dois: o I-A, que vai até 1500 a.C., e o I-B, que se estende de 1500 a 1450 a.C., aproximadamente.

e era, portanto, perfeitamente possível sobreviver e tirar da terra algum sustento.

Uma chuva de cinzas não poderia, é claro, ter bastado para dar um golpe de morte na civilização minóica. Foi necessário, portanto, algo mais, e essa alguma cousa pôde ser determinada, graças aos depoimentos da história e ao testemunho de catástrofe recente.

Creta sempre estêve sujeita a tremores de terra; desde tempos recuados, êles sobrevêm com relativa freqüência.

Assim, tôda vez que aos arqueólogos se deparam vestígios de destruições em massa, em qualquer região da ilha, é na eventualidade de ela ter sido sacudida por um abalo que pensam desde logo.

Sabe-se, por outro lado, que às erupções, havidas em Tera durante o período histórico, seguiram-se, invariàvelmente, tremores de terra de grande intensidade.

Quando ocorreu a erupção de 1956, o sismo dela resultante alcançou a magnitude de 7,8, o que evidencia a sua extrema violência.

Mas, não é tudo. Em diversas ocasiões, os terremotos trouxeram consigo outro tipo de catástrofe ainda mais devastador; deram azo à formação de vagas sísmicas, essas ondas monstruosas provocadas por abalos submarinos a que os japonêses e, depois, os povos do mundo inteiro, denominaram *tsumanis*. O *tsumani*, produzido em 1956 pelo sismo que abalou Tera, atingiu ilhas situadas a 80 quilômetros de distância de seu epicentro e, ao chocar-se com as costas que lhe estavam mais expostas, chegou a atingir 25 e até 40 metros de altura.

Ajudam-nos, ainda, a melhor precisar a causa que, de fato, determinou o excídio do reino lendário de Midas, os elementos colhidos do estudo da famosa erupção do Krakatoa, vulcão situado no estreito que separa as ilhas de Java e Samatra e no qual os vulcanógrafos encontram similitudes pasmosas com o Tera.

Datando de menos de um século, visto como ocorreu em 1883, aquela catastrófica erupção é, pois, bastante conhecida em suas linhas gerais. Foi observada e descrita tanto nos seus pródromos como em seus terríveis efeitos. Graças a essas perquirições tornou-se possível, como dissemos, fazer-se uma idéia bastante aproximada do vulto atingido pelo cataclismo que, outrora, assolou Tera.

No decorrer da erupção a que aludimos, toldou-se o ar, grande obscuridade envolveu tudo, houve chuva de cinzas e os abalos produzidos pelas suas explosões partiram janelas, fenderam muros, situados até à distância de 160 quilômetros.

Ocorrências de maior relêvo seriam, porém, os *tsumanis*, que devastaram perto de 300 cidades e aldeias existentes sôbre as duas margens do estreito.

A altura média das vagas sísmicas chegou a 15 metros. É possível que, em alguns lugares, houvessem alcançado 36 metros.

Uma canhoneira foi por elas arrastadas, terra adentro, indo encalhar a três quilômetros da praia.

A *caldera* de Tera é maior e mais pofunda do que a do Krakatoa

e a quantidade de cinzas projetada pelo vulcão foi muito mais importante.

É verdade estar Creta situada a 120 km de Tera — isto é, bem mais longe do que Samatra e Java se acham do Krakatoa — mas verdade é, igualmente, ser o mar que banha Tera mais profundo do que o do estreito de Sonda; a vaga deve ter-se deslocado, portanto, com maior rapidez.

De posse de todos êsses subsídios, é possível explicar o osboroamento da civilização minóica como o resultado da ação de uma ou de uma série de gigantescas vagas sísmicas que, caminhando com a velocidade horária de 150 e até 160 quilômetros, batesse de cheio contra as costas setentrionais e levantinas de Creta, pelos anos de 1470 a.C., e se alastrasse sôbre grande parte da ilha, aí semeando a ruína e a morte. Cnossos, situado em ponto assaz afastado do litoral, talvez pouco sofresse, o que justificaria ter o seu palácio permanecido de pé.

Sob seu embate ruíram, porém, os outros grandes centros urbanos e em todo o litoral ocorreram desmoronamentos.

Se a isso acrescentarmos a chuva de cinzas e, eventualmente, também, os tremores de terra, as epidemias, a fome, e, ainda, a destruição dos navios nos portos, compreender-se-á por que os aventureiros micênios puderam, depois de se terem instalado no suntuoso palácio de Cnossos, empolgar o poder.

A catástrofe que subverteu a Atlântida deixou vestígios na mitologia helênica, não vestígios claros, é certo, porque os fatos que estamos a rememorar ocorreram numa época em que a civilização micenlana apenas começava os seus primeiros balbucios. Em muitas localidades da Grécia antiga, continental e insular, conservaram-se lembranças de uma luta havida entre Zeus e Poséidon e de que êste deus tenha sido derrotado, se vingara lançando contra a terra grandes vagas devastadoras.

É preciso ter presente, dada a importância que para o caso reveste, também o episódio da lenda dos Argonautas, em que os navegantes, velejando de Creta para o Norte, se viram de súbito envolvidos por uma obscuridade espêssa. Êles se encontravam, então, entre Creta e Santorim, justamente na área onde se teriam feito sentir as conseqüências da tragédia narrada pelo filósofo ateniense.

Outras reminiscências dessa época remota poderiam ter sido conservadas no Egito, originando o mito da Atlântida.

Sabemos, de acôrdo com as afirmativas de Platão, terem sido as narrativas que dizem respeito à Atlântida recolhidas por Sólon, o célebre dirigente ateniense, no correr de uma viagem ao Egito. Ora, é assaz verossímil que tal haja realmente ocorrido, mas que Platão tenha por seu turno acrescentado algo, assim como uma contribuição pessoal, à primitiva história, tornando-a mais rica de minúcias, embora menos verdadeira.

Se admitirmos, por outro lado, que a lenda da Atlântida, à maneira de tôda lenda, teve um substrato real, apoiou-se em fatos au-

têntico, constituiu-se em tôrno de um núcleo histórico-geográfico verdadeiro, poderemos chegar à fácil conclusão de que êsse núcleo foi, sem nenhuma dúvida, a ilha de Creta, sua história, suas relações com a Grécia e com o Egito e, finalmente, a catástrofe que destruiu.

Consoante o que aqui se tem dito muitas vêzes e o repete V. Luce, Egito e Creta mantiveram relações cordiais durante muitos séculos. "Escaravelhos" egípcios foram descobertos em Creta e vasos cretenses achados no Egito.

Para os habitantes do vale do Nilo, a existência de Creta era, pois, perfeitamente conhecida. Os egípcios antigos, povo eminentemente caseiro, consideravam, consoante é sabido, o seu país o centro do mundo e a única região da terra onde se devia viver. Êsses inveterados terrícolas surgem, pois, na história, um pouco como dotados de características opostas às dos minóicos, também chamados a gente do mar.

Pouco dados às correrias marítimas, Creta devia indubitàvelmente parecer-lhes um país longínquo. Tão distante deviam considerá-lo que Platão, ao reproduzir a lenda, julgou de bom alvitre situar a sua Atlântida no Atlântico, para assim melhor corresponder à idéia que êles formavam de sua posição geográfica.

Na realidade, Creta encontra-se a 700 km apenas do nordeste de Alexandria. Para um antigo egípcio, mormente para aquêles que viveram no tempo do conquistador Tutmôsis III, 700 km seriam, sem dúvida, uma distância bem considerável.

Há no Timeu e no Crítias, os dois diálogos nos quais Platão descreve a Atlântida, um certo número de minúcias verdadeiramente impressionantes. Assim, por exemplo: êle diz que a Atlântida permitia passar a outras ilhas e delas ao continente oposto; isso tem sido em geral interpretado como assinalando a situação de um continente atlântico que possibilitava atingir as Antilhas e de lá a América. Ora, essa é, igualmente, a localização de Creta em relação ao Egito: ela está, com efeito, colocada no caminho das ilhas do Mar Egeu e, de lá, é possível chegar ao continente oposto, ou seja, à Grécia continental.

Os diálogos versam, ainda, a questão da soberania da Atlântida e asseguram que se estendia sôbre várias ilhas e, que indo além, alcançava partes de um continente; ora, era isso, exatamente, o que ocorria em relação a Creta.

Atente-se, outrossim, ser o poder minóico o único ao qual, naquela época, se ajustaria a mencionada narrativa. Platão descreve, finalmente, um pôrto, navios, estádios, salas de banho aperfeiçoadas, o sacrifício solene de um touro. Recorda as "corridas de touros", realizadas no templo de Poséidon, em Atlântis, nas quais não se utilizavam armas, mas simplesmente rêdes e cordas.

Ora, isso corresponde perfeitamente à maneira pela qual os cretenses capturavam touros. Até mesmo a descrição que o sábio grego faz de determinados trechos da Atlântida relembra, ao vivo, paisagens de Cnossos e de Faistos.

De qualquer modo, parece certo que uma erupção vulcânica de proporções inusitadas ocorreu na ilha de Tera, entre os anos de 1500 e 1450, antes de nossa era e tal cataclismo bem poderia ter provocado uma gigantesca vaga sísmica que varresse e devastasse uma parte de Creta.

Não é, pois, de todo impossível que a brilhante civilização de Cnossos tenha sido, então, aniquilada, como não é também improvável que os dois diálogos de Platão nos transmitam a lembrança, falseada pelos séculos, dessa civilização prestigiosa tragada pelo mar "em um dia e uma noite de desgraça".

Porque foi dêsse modo que se acabou a Atlântida, segundo Platão — vítima de violentos tremores de terra e de grandes inundações (Saint Blanquat).

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo — *Aquém da Atlântida*. Rio, 1931.

BEAUVOIS, M. E. — "La grande terre de l'ouest. Dans les documents celtiques du Moyen-âge". *Actas del Congreso Internacional de Americanistas*. 4.ª Reunión. Madrid, 1881. pp. 44-74.

BERGET Afonso — "L'Atlantide d'après la légende et devant la science moderne". *La Science et la Vie* pp. 19-26.

BLANQUAT, Henrique de Saint — "La guerre de Troie a bien eu lieu". Revista *Sciences et Avenir*, n.º 148. Paris, junho, 1959. pp. 296-300 e p. 328.

BLANQUAT, Henrique de Saint — "Au temps des Cretois et des Phéniciens". Revista *Science et Avenir*, n.º 158. Paris, abril, 1960. pp. 184-189.

BLANQUAT, Henrique de Saint — "Le quaternaire notre million d'annés". Revista *Sciences et Avenir*, n.º 159. Paris, maio, 1960. pp. 262-266 e p. 268.

BLANQUAT, Henrique de Saint — "L'Atlantide en Crète". Revista *Sciences et Avenir*, n.º 271, Paris, setembro, 1969. pp. 748-755.

BLANQUAT, Henrique de Saint — "Le quaternaire sans limites". Revista *Sciences et Avenir*, n.º 273. Paris, novembro, 1969. pp. 922-929.

BOTELLA Y. DE HORNOS, Frederico de — "Pruebas geológicas de existencia de l'Atlántida; su fauna y su flora". *Actas del Congreso Internacional de Americanistas*. 4.ª Reunión, Madrid 1881. pp. 142-165.

COLOMBIER, P. du — *História da Arte*. Trad. de Fernando Pamplona. Liv. Tavares Martins. Pôrto, 1947.

CONTENAU, G. — *La Civilisation Phenicienne*. Payot, Paris, 1926.

DANIEL, H. — "La Atlántida fue conocida por el Hombre". *Boletin del Instituto de Antropologia*. Vol. 1, n.º 4, Colombia, 1956. pp. 324-331.

DELAPORTE, L. — "Les Peuples de l'Orient Méditerrané; Le Proche Oriente Asiatique". *Presses Universitaires*. Paris.

DONLLY, Igaratius — *Atlantis*: *The antedeluvian World*. London, s/d.

DIRICTON, E. e VANDIER, J. — "Les Peuples de l'Orient Méditerrané, II L'Égypte". Presses Universitaires. Paris. 1946. "Expediciones pre-

colombianas de los vizcainos á Terra Nova" — *Actas del Congreso Internacional de Americanistas*. 4.ª Reunón. Madrid, 1881. pp. 215-217.

GAFFAREL, Paulo — "L'Ile de Sept Cités et l'Ile Antilia". Idem, idem pp. 198-214.

GERMAIN, Luis; JOUBIN, Luis; LE DANOIS, Ed. — "Une esquise du passé de l'Atlantique-Nord". *La Geographie*. Vol. XL, n.º 3, set. et. out., 1923. pp. 281-293.

GLOTZ, Gustavo — "La civilisation égéenne". *La Renaissance du Livre*. Paris, 1923.

GRIMAL, Pedro — *A Mitologia Grega*. Trad. de Yolanda Leite. S. Paulo, 1954.

JAGUARIBE, Domingos — *Brasil Antigo — Atlântida e as Antiguidades Americanas*. 2.ª ed., S. Paulo, 1910. Casa Garraux.

LE DANOIS, Ed. — *L'Atlantique, Histoire et vie d'un Océan*. Ed. Albin Michel. Paris, s.|d.

"LE DECHIFFREMENT de l'écriture crétoise va-t-il permertre de connaitre de Langage des herós d'Homère?", *Sciences et Avenie*, n.º 89. Paris, julho, 1954. pp. 303-306

LOUVOT, Abbé — "Des Voyages réels ou prétendus des juifs avant Christophe Colomb". *Actas del Congreso Internacional de Americanistas*. 4.ª Reunión. Madrid. 1881. pp. 179-187.

MARCELLA, T. Wilkins — *Hypothèse sur la Disparation de l'Atlantide*. Idem, idem. pp. 131-141.

MOREUX, Abbé Th. — *L'Atlantide a-t-elle existé?* Paris, 1924.

MORET, A. — "Le Nil et la Civilisation Egyptiénne". *La Renaissance du Livre*. Paris, 1926.

PENNAFORT, Raymundo Ulysses de — *Brasil Pré-Histórico*. (Memorial Encyclográphico a Propósito do 4.º Centenário do seu Descobrimento). Fortaleza, Tipografia Studart, 1900.

PIRENNE, Jacques — *Les grands Courants de l'Histoire Universelle*. Ed. de la Baconnière. Neuchatel, 1945.

PRADO, Racgek — "A Altântida". *Revista da Semana*. Out., 24, 1925. pp. 31-32.

REINACH, Salomão — *Apollo. Históire générale des Arts Plastique*. 7.ª edition — Hachette & Cia. Paris, 1913.

SAYCE, A.H.L.D.D. — Ernest Leroux. Paris, 1891.

SERGIPE, A. — *Nova luz sôbre o passado — A humanidade primtiiva e os povos pelásgicos*. "I. O Egito e o Mundo". Rio, Imprensa Nacional, 1906.

TÔRRES. Flausino — *O Mundo Mediterrâneo*, Cosmos, Lisboa, s|d.

WARDEN — *Investigações sôbre as povoações primitivas da América*. Trad. de Januário da Cunha Barbosa.